

## BÉRANGER E O MOBILIÁRIO PERNAMBUCANO

A Julião Béranger vem sendo atribuído o estilo de móveis dos quais os mais representativos são os canapés com assento de palhinha, as chamadas marquesas - a que se tem dado o nome de Pernambucano ou Béranger, sem que, até agora, ao que me conste, tenha sido apontada uma peça sequer documentadamente autenticada com obra sua. A questão é de interesse e merece encontrar um pesquisador paciente que se disponha a remexer livros de despesas e recibos de repartições públicas, como o Palácio do Governo, o Teatro de Santa Isabel ou o Ginásio Pernambucano onde existem móveis que lhe são atribuídos. Nas minhas próprias pesquisas em arquivos de igrejas e irmandades do Recife, não encontrei qualquer elemento a respeito.

Parece que a identificação desse mobiliário pernambucano orno sendo de autoria de Béranger é recente, do século XX. Gilberto Freyre e Aníbal Fernandes, em 1925, no *Livro do Centenário do Diário de Pernambuco* (páginas 28 e 78) referem-se a esse marceneiro, salientando a importância de sua arte, mas não estabelecem relação entre Béranger e os móveis em questão. Em época anterior, Pereira da Costa, no seu estudo sobre as artes em Pernambuco, publicado em 1900, quando confunde Béranger pai com o filho, refere apenas que aquele possuía na rua das Florentinas "uma grande oficina de marceneiro, montada com o que havia de mais aperfeiçoado em maquinismos e ferramentas, e tendo a seu serviço bons oficiais, fabricava belos móveis de modelos novos e elegantes, e de uma perfeição admirável". Foi ele, segundo o mesmo historiador, o introdutor entre nós do "verniz de boneca, que era desconhecido e usado apenas o de pincel". É José de Almeida Santos no livro *Mobiliário Artístico Brasileiro* (Rio, 1940) quem põe em letra de forma a identificação de autoria do mobiliário pernambucano em questão, embora deixe claro que apenas repetia o que ouvira em sua permanência no Recife. É ainda Almeida Santos, ao que parece, o primeiro a apontar o estilo Luís Filipe (Rei da França, 1830-48) como modelo do mobiliário atribuído a Béranger. Este e o filho, Francisco Manuel, nascido no Recife cerca de 1820 e aqui falecido em 18 de agosto de 1857, tendo permanecido na França a estudar entre 1838 e 1845, constituem de fato o grupo de artistas marceneiros mais hábeis a atender a clientela pernambucana na fase de moda do estilo Luís Filipe. Este é um elemento a considerar, enquanto se aguarda a comprovação documental de autoria dos móveis atribuídos a Béranger pai. A dinastia Béranger (pai e filho) estende-se ao longo de quarenta anos, de 1816 a 1857, e perde apenas para a dinastia Kneip-Spieler (sogro e genro) que se prolonga por cinquenta e nove anos, entre 1845 e 1904.

Julião Béranger, de seu nome completo Julião Antônio Fortunato Béranger, chegou ao Recife em 1816, conforme o livro de *Registro de Estrangeiros, residentes nas Capitanias* publicado pelo Arquivo Nacional em 1963. Vauthier refere em 1840 que Béranger aqui estava há 25 anos, o que remontaria sua chegada a 1815. A primeira referência parece preferível. Tollenare, que o conheceu em 1817, diz que ele era natural de Nantes, enquanto o *Registro* citado indica-o como nascido em Paris. De Nantes era a mulher referida erradamente no Registro como Inácia Maria. Aliás, no Recife, em 1817, havia vários nanteses e era freqüente o tráfico marítimo entre as margens Loire e as do Capibaribe.

Sua profissão em 1816 já está referida como de marceneiro: em agosto de 1818 ele se submete à velha organização mestrel e presta exame perante o juiz dos marceneiros da irmandade do ofício instalada na Igreja de São José de Ribamar, recebendo a carta para praticar sua arte. Consta de livros da irmandade ter pago as anuidades nos anos de 1829 e 1835. Em 1829

Félix Naudin, agente consular da França em Pernambuco, em ofício ao Presidente da província, diz que Béranger tinha alcançado "com seu suor e indústria, mediana fortuna" e era "homem industrioso que sabe unir a algumas virtudes grande atividade". Industrioso e ativo não se contenta com a mediana fortuna: tenta o comércio. Em 1835 aparece com loja de artigos franceses de moda, para homem e mulher, bem como de grande variedade de objetos como sapatos, vidros, louças, cutelarias etc., apropriadamente instalado na Rua Nova (*Diário de Pernambuco* de 30 de dezembro de 1835). Mas em 1840 estava de novo na marcenaria, com oficina na rua das Florentinas, aliás, vasta oficina, como diz Pereira da Costa, pois se estendia daí até o lado da rua do Sol. Os móveis, vendidos na própria fábrica, incluíam desde camas de vento "muito bem feitas" até marquesas, sofás e mesas de jantar de jacarandá e conduru e ainda toras de jacarandá superior, "chegado do Rio de Janeiro" e "pedras de mármore redondas para mesas de meio de sala e ditas para cômodas" (*Diário de Pernambuco* de 28 de setembro e 19 de outubro de 1840 e de 4 de janeiro de 1844). Dali é que lhe fugiram de casa um papagaio de estimação (*Diário de Pernambuco* de 14 de janeiro de 1840) e o escravo empalhador José Ponchet (*Diário de Pernambuco* de 27 de junho de 1844).

Embora, segundo Pereira da Costa, tenha admitido a trabalhar "grande número de rapazes nacionais como aprendizes", que se tornaram "depois peritos oficiais de marceneiros e saíram de sua oficina dispondo de todos os elementos que o gosto e a perfeição tinham introduzido na arte", em anúncio do *Diário de Pernambuco* de 9 de junho de 1847 avisava: "Precisa-se de Oficiais de marceneiro, estrangeiros na rua da Florentina n° 14, casa de Béranger". É possível que um dos seus auxiliares tenha sido Lourenço ou Francisco Bento Lourenço Pugi, "marceneiro de Paris", que em 1846 casou no Recife com Cândida Brígida Béranger, filha de Julião, e em 1847 abriu oficina própria na rua Nova n° 45. Em 1849 Pugi referia-se em anúncio (*Diário de Pernambuco* de 30 de janeiro) à sua "Fábrica de todas as qualidades de mobília francesa, no último gosto de Paris em Pernambuco" - certamente o estilo Luís Filipe - e, dizendo-se "bem conhecido das pessoas notáveis desta cidade", comunicava "aos seus numerosos fregueses e geralmente a todo o respeitável público pernambucano, que já lhe deu tantas provas de ser amante do bom gosto, que ele tem aumentado sua fábrica e está habilitado para empreender qualquer mobília que se lhe encomendar".

Com mais de trinta anos de residência do Recife, por essa época, enquanto o genro prosperava, começou a decadência de Julião Béranger. É de 1849 a primeira referência que conheço aos problemas econômicos do artista francês: "Terça-feira 30 é a última praça dos bens móveis e semoventes penhorados a Julião Béranger por seus credores, a praça deve ter lugar no armazém do mesmo na rua Florentina" (*Diário de Pernambuco* de 29 de outubro de 1849). E depois (*Diário de Pernambuco* de 24 de novembro do mesmo ano): "Perante o Sr. Juiz Municipal da segunda Vara se há de arrematar no dia 24 do corrente, por ser a última praça, o prédio da rua da Florentina que se acha hipotecado por Julião Béranger ao exeqüente José Antônio Lourenço, a requerimento de quem vai ser arrematado o dito prédio". Dois anos depois prossegue a penhora: "No dia 11 do corrente se há de arrematar, finda a audiência do Sr. Dr. Juiz Civil da primeira Vara, 26 escravos, mobília, madeiras e outros objetos pertencentes a Julião Béranger, por execução de Antônio Gomes Vilar contra ele" (*Diário de Pernambuco* de 7 de novembro de 1851). Ainda após a sua morte continuaram as cobranças judiciais. O Dr. Joaquim de Moraes Sarmiento na "Notícia Biográfica do Dr. José Eustáquio Gomes", publicada no *Diário de Pernambuco* de 20 de maio de 1854 e em folheto, recorda do ilustre médico, a propósito da caridade com que acudia a todos que, necessitados, o procuravam, o seguinte: "Basta dizer a este respeito que se achava já quase agonizante no leito da morte e ainda tudo quanto possuía estava servindo de fiança nas

intrincadas demandas do finado Béranger, seu antigo doente, cuja infeliz família tentou debalde salvar das garras de miséria".

Julião Béranger morreu pouco mais de um mês antes do seu amigo e fiador. O registro de óbito está lançado no livro respectivo, do período 1849-56 da matriz de Santo Antônio do Recife, folhas 183-183 verso, nestes termos: "No dia 1º de novembro de 1853, nesta freguesia de Santo Antônio, faleceu de erisipela, com todos os sacramentos, Julião Béranger, branco, casado com Joana Maria Béranger, com a idade de 64 anos, foi sepultado no cemitério com hábito branco. Do que para constar mandei fazer este termo. O Vigário Venâncio Henriques de Rezende" .

Béranger foi casado com Joana Maria Ruelland ou Ruilland, falecida com 70 anos em 25 de outubro de 1860 e deixaram os seguintes filhos: 1) Francisco Manuel, descrito no passaporte com que viajou à França em 1838 como "brasileiro, solteiro, idade 18 anos, estatura ordinária, rosto comprido, cabelos e sobrolhos castanhos, olhos azuis, boca regular e cor branca", casado duas vezes e falecido na data antes referida; 2) Cândida Brígida Maria da Conceição, que viajou à França em 1838 com o irmão, tendo então 12 anos, também brasileira, rosto comprido, cabelos castanhos, branca, olhos azuis, casada em 1846 com Fugi, já citado; 3) Adolfo Bernardo, casado em 12 de dezembro de 1849 com Guilhermina Leopoldina da Cruz Melo; 4) Ernestina Vitorina e 5) Julião Antônio Fortunato, acerca dos quais não tenho informações.

Não vi documento autografado por Julião Béranger, mas a grafia Béranger aqui adotada é a da assinatura do filho Francisco Manuel lançada em livros da Irmandade do Sacramento da matriz, de Santo Antônio e da Irmandade de São José de Ribamar, da qual foi tesoureiro.

Fonte: MELLO, José Antonio Gonsalves de. **Diário de Pernambuco**. Recife, 28 nov., 1974.